

**ENTENDIMENTO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES
DE GEOGRAFIA RELATIVOS À GEOGRAFIA FÍSICA**

Kellen Cristina Vicente

orcid.org/0000-0001-9545-0773
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP
E-mail: kellen.focal@gmail.com

Jully Gabriela Retzlaf de Oliveira

orcid.org/0000-0002-7599-6952
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP
E-mail: jullyoliveira@uenp.edu.br

Resumo

O ensino de Geografia tem como objetivo fornecer aos alunos a compreensão do espaço geográfico e as relações entre o homem e a natureza no processo de construção do mesmo. A Geografia Física, volta-se para o estudo dos processos e as características de formação da Terra, incluindo as atividades humanas que causam interferência no meio ambiente. Neste sentido, esta pesquisa volta-se para discutir o entendimento e ensino de Geografia Física pelos professores de Geografia, constituindo um estudo de caso de um grupo de professores da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná que já participaram como supervisores do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Metodologicamente, foram necessárias leituras de bibliografias específicas da área de estudo; aplicação de questionário a quatro professores de Geografia - durante o segundo semestre de 2018 e análise dos resultados obtidos. O objetivo da pesquisa foi analisar o entendimento e práticas dos professores de Geografia, referentes à Geografia Física, bem como, compreender os principais obstáculos que emperram o ensino das temáticas físico-naturais e as áreas de maior demanda de capacitação docente. Tem-se como resultados dessa pesquisa, que os professores de Geografia pesquisados precisam e requerem uma capacitação docente em relação à área de Geografia Física e seu ensino, que vão ao encontro da discussão teórica da Geografia Física atual, buscando outras metodologias, além de novos recursos didáticos para se ensinar as temáticas físico-naturais, sobretudo nas áreas de Climatologia, Geologia e Geomorfologia.

Palavras-Chave: Geografia Escolar; Meio Ambiente; PIBID.

**UNDERSTANDING AND PEDAGOGICAL PRACTICES OF
GEOGRAPHY TEACHERS RELATING TO PHYSICAL GEOGRAPHY**

Abstract

The geography teaching aims to provide students an understanding of geographic space and the relationships between man and nature in the process of constructing it. The Physical Geography turns to study the processes and characteristics of Earth's formation, including human activities that causes interference in the environment. In this sense, this research turns to discuss the understanding and teaching of Physical Geography by the Geography teachers, constituting a study case of a group of teachers of Geography of the Public Education of the State of Parana who have already participated as supervisor teacher of the Institutional Program of Initiatives for Teaching - PIBID. Methodologically, it was necessary to read bibliographies specific

to the study area; application of a questionnaire to four Geography teachers - during the second half of 2018 and analysis of the results obtained. The objective of the research was to analyze the understanding and practices of Geography teachers regarding Physical Geography, as well as to understand the main obstacles that prevented the teaching of physical-natural themes and areas of greater demand for teacher training. We have as a result of this research, that the geography teachers surveyed need and require a teaching qualification in relation to the Physical Geography area and its teaching, which meet the theoretical discussion of the current Physical Geography, searching for other methodologies, as well as new didactic resources to teach physical-natural topics, especially in the areas of Climatology, Geology and Geomorphology.

Key words: School Geography; Environment; PIBID.

ENTENDIMIENTO Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS DE LOS PROFESORES DE GEOGRAFÍA RELATIVOS A LA GEOGRAFÍA FÍSICA

Resumen

La enseñanza de Geografía tiene como objetivo proporcionar a los alumnos la comprensión del espacio geográfico y las relaciones entre el hombre y la naturaleza en el proceso de construcción del mismo. La Geografía Física, se vuelve al estudio de los procesos y las características de formación de la Tierra, incluyendo las actividades humanas que causan interferencia en el medio ambiente. En este sentido, esta investigación se vuelve para discutir el entendimiento y enseñanza de Geografía Física por los profesores de Geografía, constituyendo un estudio de caso de un grupo de profesores de la Red Pública de Enseñanza del Estado de Paraná que ya participaron como supervisores del Programa Institucional de Estado Becas de Iniciación a la Docencia - PIBID. Metodológicamente, fueron necesarias lecturas de bibliografías específicas del área de estudio; aplicación de cuestionario a cuatro profesores de Geografía - durante el segundo semestre de 2018 y análisis de los resultados obtenidos. El objetivo de la investigación fue analizar el entendimiento y prácticas de los profesores de Geografía, referentes a la Geografía Física, así como, comprender los principales obstáculos que emperan la enseñanza de las temáticas físico-naturales y las áreas de mayor demanda de capacitación docente. Se tiene como resultados de esa investigación, que los profesores de Geografía investigados necesitan y requieren una capacitación docente en relación al área de Geografía Física y su enseñanza, que van al encuentro de la discusión teórica de la Geografía Física actual, buscando otras metodologías, además de nuevos recursos didácticos para enseñar las temáticas físico-naturales, sobre todo en las áreas de Climatología, Geología y Geomorfología.

Palabras-clave: Geografía Escolar; Medio Ambiente; PIBID.

Introdução

A Geografia volta-se para o estudo do homem e suas relações com o espaço geográfico, no sentido de produção, reprodução e transformação desse espaço, por meio das relações sociais e interação com o meio ambiente. Assim, o ensino de Geografia tem como objetivo fornecer aos alunos, professores, pesquisadores e a sociedade, a compreensão desse espaço geográfico e as relações entre o homem e a natureza no

processo de construção do mesmo, para que assim, os alunos possam construir um conhecimento crítico e autônomo em relação ao pensamento geográfico (CAVALCANTI, 2008). Já a Geografia Física estuda os processos e as características de formação da Terra, incluindo as atividades humanas que causam interferência no meio ambiente (PETERSEN; SACK; GABLER, 2014).

Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso de um grupo de professores de Geografia da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná que já participaram como professor supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, desenvolvido no curso de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. A escolha dos professores se deu devido a estes estarem participando de um programa de iniciação à docência, por serem professores do quadro efetivo e já atuarem a mais de treze anos na Educação Básica. O Estudo de Caso trata-se de um tipo de pesquisa no qual um caso individual é estudado em profundidade para se obter uma compreensão ampliada sobre outros casos similares, possibilitando a criação de um modelo ou de novos procedimentos padrão (CAJUEIRO, 2013).

Metodologicamente, essa pesquisa foi feita a partir de pesquisas bibliográficas pautadas em autores como Mendonça (2008), Vesentini (2003), Cavalcanti (2008), entre outros, para construir a fundamentação teórica do trabalho. Foi realizada também a elaboração e a aplicação de um questionário a quatro professores de Geografia durante o segundo semestre de 2018 e finalmente foi realizada a análise dos resultados obtidos. No caso desta pesquisa, realizou-se uma abordagem qualitativa, pois além de não terem sido utilizados dados estatísticos, priorizou-se as percepções de atitude e aspectos subjetivos dos objetos de pesquisa.

Desta forma, o objetivo da pesquisa foi analisar o entendimento e práticas dos professores de Geografia da Educação Básica, referentes à Geografia Física, bem como, compreender os principais obstáculos que emperram o ensino das temáticas físico-naturais e as áreas de maior demanda de capacitação docente.

Discutir o entendimento e metodologia referentes à Geografia Física é de extrema importância para que se criem ainda mais referências bibliográficas para que pesquisadores, professores, alunos, e toda sociedade tenham acesso, promovendo avanços no tratamento das temáticas físico-naturais na Geografia Escolar.

Considerações sobre a Geografia Escolar no Brasil

No decorrer dos séculos, a Geografia foi uma ciência muito utilizada pela humanidade, como no Império Romano, nas expansões marítimas dos países europeus do século XV, entre outras ocasiões. “Desde a antiguidade o homem traz consigo a preocupação em conhecer o espaço no qual habita. Os homens buscavam na agricultura, na caça e pesca o sustento e também uma aproximação direta com a natureza, de fato uma forma de interação com a Geografia” (SEGALA, LEME, 2015, p. 153).

Mas só foi a partir do século XIX que a Geografia começa a tomar corpo como ciência e a se sistematizar, ganhando um caráter científico. Todas essas transformações que a Geografia passou naquele momento. Foi na Europa que a Geografia começa a ganhar destaque como ciência, com Humboldt, Ritter, La Blache e Ratzel, e conseqüentemente surge a gênese da Geografia moderna (SEGALA, LEME, 2015).

A Geografia no Brasil se insere a partir das ideologias Europeias, haja vista que o Brasil ainda não estava consolidado, ou seja, o mesmo estava passando por um processo de construção. Vlach (2004) argumenta que a institucionalização da escola no Brasil foi tardia, porém, no ano de 1823 já havia uma ideia de um sistema nacional de educação, fazendo parte de propostas reunidas pela assembleia constituinte para elaborar a primeira constituição do Império do Brasil.

O ensino de Geografia não integrava diretamente os conteúdos das escolas de primeiras letras. Isso não impediu, porém, que se fizesse presente de maneira indireta nessas escolas. Sua presença ocorria por meio da história do Brasil e da língua nacional, cujos textos enfatizavam a descrição do território, sua dimensão, suas belezas (VLACH, 2004, p. 189).

A Geografia sendo uma das disciplinas úteis necessárias para a vida foi entendida como um instrumento de educação do povo. De um lado, porque fazia do território brasileiro o principal aspecto de seu conteúdo e por outro lado a ideia de território por ela veiculada permitia a substituição do sujeito pelo objeto (VLACH, 2004).

A obrigatoriedade do ensino de Geografia imposta pelo Colégio Pedro II fez com que a Geografia realizasse parte dos programas de todas as reformas educacionais posteriores. Assim, a Geografia foi incorporada formalmente à escola no Brasil, partir da fundação do Colégio Pedro II (1837) e posteriormente passou a ser ensinada nas escolas

secundárias do país, fazendo parte dos conteúdos definidos por todas as Reformas Educacionais Brasileiras, de 1889 até os dias atuais (MELO; VLACH; SAMPAIO, 2005).

Percebe-se que, antes de se constituir como campo de formação em superior, a Geografia já era ensinada nas escolas, sendo assim, antes de tudo, Geografia escolar (CAVALCANTI, 2008).

A Geografia brasileira, seja a acadêmica, institucionalizou-se no Brasil no início do século XX, via Sociedade Brasileira de Geografia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Universidade de São Paulo, e outras instituições, e, assim como em outros países, esta institucionalização está vinculada ao ensino (CAVALCANTI, 2008, p. 21).

Com a abertura dos cursos universitários de Geografia, tem-se o começo de uma nova fase, a acadêmica/universitária, com professores e alunos preocupados em desenvolver a Ciência Geográfica, e torná-la cada vez mais independente, com seu próprio objeto de estudo e, ao mesmo tempo, mais "útil" à sociedade (MELO; VLACH; SAMPAIO, 2005, p. 2687).

A ciência geográfica se materializa por meio da produção humana. Desse modo, a sua renovação acompanha as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais do território. A partir do final da década de 70, o Brasil passava por uma série de transformações, com o surgimento da globalização e de novas tecnologias, persistindo essas transformações até os dias de hoje (CAVALCANTI, 2008).

A globalização é o fenômeno que elimina as fronteiras afetando múltiplos campos como o cultural, tecnológico, econômico, etc. Esse fenômeno acentua paradoxalmente no sentido de homogeneização dos espaços e da sociedade, e da ampliação das desigualdades, com o agravamento de alguns problemas, que se tornaram, como a exclusão social, as desigualdades socioeconômicas, a violência, entre outros (CAVALCANTI, 2008).

É importante perceber que o mundo assume novas características e novos cenários, enquanto aplicação do conhecimento científico na escolarização básica, fazendo-se necessário que a Geografia escolar, acompanhe essas transformações (CALLAI, 2012).

Desta forma, a Geografia também buscou se renovar, pois a mesma tinha que atender as inquietações da sociedade, dos geógrafos, adquirindo múltiplas abrangências de estudos. “A Geografia, nesse contexto, tem também se reestruturado, tornando-se uma ciência mais plural” (CAVALCANTI, 2008, p. 18).

Antes de se reestruturar, a Geografia ensinada nas escolas, tinha uma conotação de reproduzir a ideologia do Estado, com um discurso patriota e nacionalista. A Geografia escolar é difundida de uma forma ideológica patriótica e nacionalista, colocando a ideia de que o Estado-Nação é natural e eterno, e apagando da memória coletiva as formas anteriores de organização do espaço pela sociedade, tais como as cidades-estados, feudos, entre outros (VESENTINI, 2003).

Muitos professores ainda reproduzem essa perspectiva de ensino da Geografia, visando apenas reproduzir e reafirmar o poder que o Estado tem sobre a sociedade. Como afirmado por VESENTINI “Não se trata de “modas”, como querem alguns que se recusam a ler novas obras e a tentar renovar suas lições, e sim de uma necessidade real, de procurar acompanhar as metamorfoses do mundo ou correr o risco de findar” (VESENTINI, 2003, p. 35).

Na história recente da ciência geográfica, a partir dos anos de 1980, destaca-se o movimento de renovação da Geografia, tanto da Geografia acadêmica como a Geografia escolar. Percebe-se que esse período foi marcado por dois núcleos principais, sendo um dito como a Geografia tradicional e o outro que representava a nova Geografia, que busca superar a tradicional com uma perspectiva crítica, com o predomínio de uma orientação marxista. Esse movimento buscou romper com o caráter ideológico da Geografia vinculado ao Estado por meio de uma reformulação teórica (CAVALCANTI, 2008).

Assim, percebe-se que a Geografia escolar tradicional não dava mais conta de explicar as transformações que aconteciam no espaço, fazendo com que os pesquisadores, geógrafos e as pessoas que a estudavam, pensassem numa nova maneira de fazer Geografia.

Existem três caminhos principais que podem ser trilhados pelos geógrafos. O primeiro é aquele que se especializa em um ramo, por exemplo: climatologia, geomorfologia, etc. É evidente que essa alternativa não é satisfatória para um professor, mas pode ser para um especialista que vai trabalhar nesse ramo sem ter a preocupação da totalidade estudada pela Geografia. O segundo é a Geografia utilitária ou de planejamentos, sendo um modelo construído para as empresas e não para a escola, propondo planos de reordenação espacial visando à reprodução do capital. E o terceiro é a Geografia crítica ou radical, que parece ser, tanto para a crítica à Geografia moderna e sua reconstrução, como também para o ensino da Geografia. Essa perspectiva traz a Geografia concebendo o

espaço geográfico como um espaço social, sendo construído pelas lutas e conflitos sociais (VESENTINI, 2003).

A partir da década de 1990, o contexto sociopolítico, científico e educacional que o Brasil estava passando, apontava uma crise para a ciência geográfica e também para a necessidade de ampliar os referenciais para a interpretação da realidade. Assim, a Geografia acadêmica buscou se aprofundar nas pesquisas e surgiram novos caminhos de investigação sobre o ensino de Geografia, e as orientações para o trabalho docente da Geografia foram se reestruturadas (CAVALCANTI, 2008).

Nos final do século XX ocorreram muitos “eventos” que contribuíram para que a Geografia passasse por muitas reformulações, principalmente a Geografia escolar. “Destaca-se, nesse sentido, a investigação sobre o ensino de Geografia (seja na forma de estudos de mestrado e doutorado, seja como projeto investigativo realizado por equipe de especialistas no âmbito das instituições de ensino superior)” (CAVALCANTI, 2008).

O espaço como objeto de análise geográfica é concebido não como aquele da experiência empírica, não como um objeto em si mesmo, a ser descrito pormenorizadamente, mas sim uma abstração, uma construção teórica, uma categoria de análise que permite apreender a dimensão da espacialidade das/nas coisas do mundo (CAVALCANTI, 2008, p. 18).

Assim, a Geografia busca conceber o espaço geográfico como um produto histórico e social, que se constitui em ferramenta permitindo analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação (CAVALCANTI, 2008).

Em outros termos, o conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma Geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser “ensinada” ou vulgarizada, e sim no real, no meio onde o aluno e professor estão situados e é fruto da práxis coletiva dos grupos sociais. Integrar o educando no meio significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história (VESENTINI, 2003, p. 37).

A Geografia busca estruturar-se para ter uma perspectiva mais integradora e aberta, e ao mesmo tempo, se constrói e reconstrói a partir das contribuições de outras áreas da ciência e suas diferentes especialidades em seu interior, trazendo assim um olhar mais compreensivo, mais sensível às explicações do senso comum, e também aos sentidos dados pelas pessoas para suas práticas espaciais (CAVALCANTI, 2008).

[...] Mais do que conteúdos, é necessário, também, ensinar-lhes modos de pensamentos e ação, ou seja, por meio de atividades proporcionadas nas aulas, por meio de trabalho com os conteúdos, os professores devem propiciar o desenvolvimento de certas capacidades e habilidades (CAVALCANTI, 2008, p. 34).

É fundamental que os professores abordem a Geografia escolar como uma maneira de raciocinar e de interpretar a realidade e as relações espaciais, fazendo uma reflexão sobre esse espaço, sendo mais que uma disciplina que apresenta dados e informações sobre os lugares. A Geografia escolar, pensando sobre os aspectos teórico-metodológicos, deve colocar o aluno como sujeito, centro da discussão e do processo de ensino, e a sua realidade social também deve ser abordada, para que a partir daí o conhecimento possa de fato ser construído de forma efetiva (CAVALCANTI, 2008). Em relação ao lugar em que o aluno vive, Callai (2012, p. 86) discorre que “o aluno é um sujeito que vive nesse lugar e que, como tal, deve compreender sua identidade e pertencimento, precisa-se reconhecer como alguém que pode interferir em sua vida e na construção da sociedade em que vive”.

Como já foi dito anteriormente, muitos professores ainda insistem em utilizar a Geografia tradicional como método de ensino, e o livro didático como forma de fazer com que esses professores ainda se acomodem não conseguindo superar as descrições e enumerações de dados e fenômenos, como é a tradição dessa disciplina (CAVALCANTI, 2008).

Na prática, a Geografia ensinada não consegue, muitas vezes, ultrapassar ou superar as descrições e as enumerações de dados e fenômenos [...]. Nessas condições, o livro didático, muitas vezes trazendo um conteúdo padronizado, define o que se vai ensinar, e os professores tratam os temas em si mesmos sem permitir que sua abordagem sirva para transitar na escala global-local, tendo como foco o local (CAVALCANTI, 2008, p. 36-37).

Portanto, é de extrema importância para o conhecimento geográfico e para a Geografia escolar que os professores também se atentem as novas exigências do ensino de Geografia imposta pela transformação que ocorre na sociedade. A renovação da Geografia se atenta à dimensão social da construção do espaço e da compreensão das relações sociais que nele ocorrem, trazendo o contexto do aluno para o eixo central da discussão. Sendo assim, a Geografia escolar é um instrumento para que o aluno entenda as contradições existentes na sociedade e no espaço.

A Geografia Física

A Geografia é uma ciência que começou a ser sistematizada em meados do século XIX tendo como seus principais precursores Humboldt, Ritter, Ratzel e La Blache. Inicialmente, a Geografia tinha uma perspectiva mais física do que humana, como será evidenciado nas discussões a seguir. “A Geografia é uma ciência cujas abordagens possuem em sua essência um enfoque socioambiental. Dessa forma, suas discussões se apoiam no caráter ambiental de suas análises considerando, para tanto, as interferências humanas sobre o espaço” (GAMA; MELO; MORAES, 2015, p. 153).

Segundo Mendonça (2008) a Geografia Física, em seu surgimento no final do século XIX, tinha uma abordagem essencialmente ambiental, e em linhas gerais, apresentava o meio ambiente pela descrição do quadro natural do planeta, sendo compreendido pelo relevo, clima, vegetação, hidrografia, fauna e flora, tais aspectos físicos, dissociados de qualquer sociedade humana.

Os trabalhos de cunho geográficos eram pautados no detalhamento das características físicas dos lugares, descrevendo, mensurando e catalogando, procurando explicações para a dinâmica da natureza e sistematizando leis na tentativa de organizar todos os conhecimentos desenvolvidos e percebidos, sendo que os estudos empíricos, desenvolvidos pelos trabalhos de campos tinham destaque (MENDONÇA, 2008).

Articular a natureza e a sociedade foi uma tarefa extremamente difícil aos geógrafos, pois construir uma ciência de articulação na época em que a Geografia surgiu, seria o oposto das proposições científicas da época, uma vez que toda visão de ciência dominante desse período privilegiava uma divisão entre as ciências da natureza e a da sociedade (SUERTERGARAY; NUNES, 2001, p. 15).

Humboldt e Karl Ritter foram os precursores da Geografia e os primeiros a estudarem a Geografia sob a perspectiva naturalista ou Física, e seus escritos as primeiras bases teóricas desse ramo da Geografia (GAMA; MELO; MORAES, 2015).

Na evolução do pensamento geográfico muitos geógrafos se destacaram, entre eles, Ratzel teve grande influência nos estudos geopolíticos, que deu continuidade as abordagens seguindo a linha de Humboldt e Ritter, produzindo descrição de lugares, onde o natural e o humano se apresentavam dissociados, tentando assim, explicar o determinismo das questões físicas do ambiente sobre os homens (MENDONÇA, 2008). “Pode-se dizer que Ratzel fundou a Geografia Humana, porém o naturalismo teve grande

peso em sua AntropoGeografia. Inspirado na teoria de Darwin e Lamarck, ele tentou explicar a evolução das espécies e da humanidade [...]” (GAMA; MELO; MORAES, 2015, p. 154-155).

Outro geógrafo também importante para a evolução do pensamento geográfico foi Paul Vidal de La Blache. O mesmo trouxe uma perspectiva de contraposição a Ratzel, sob um viés possibilista. La Blache propõe uma visão dicotômica ao determinismo Ratzeliano, propondo que o ser humano conseguiria se adaptar as condições Físicas do ambiente, e de certa forma, superar essas condições, inter-relacionando o meio natural com o social, sendo que o meio físico, nada mais era do que um suporte para a evolução dos grupos humanos (MENDONÇA, 2008).

Martonne aprofunda bastante a abordagem dos elementos naturais das paisagens e desenvolve o que ele concebia como sendo Geografia Física, ou seja, a parte da Geografia que se ocupa do tratamento dos aspectos naturais/físicos das paisagens sendo que, em todo este primeiro período, ficou compreendido que a Geografia Física é a parte da Geografia que se ocupa do tratamento da temática ambiental por estar ligada à abordagem do quadro natural do planeta (MENDONÇA, 2008, p. 26).

Martonne, ao aprofundar seus estudos, dividiu a Geografia Física em sub-ramos específicos. Esses sub-ramos foram: a geomorfologia que se preocupava em estudar as formas do relevo da terra; a climatologia abordando os climas do planeta; a biogeografia abordando a vida animal e vegetal do planeta; e a hidrografia tendo como foco as águas superficiais continentais e oceânicas do planeta (MENDONÇA, 2008).

O tratado de Geografia Física de Emmanuel de Martonne ilustra muito bem as características deste primeiro momento, pois nele, os sub-ramos da Geografia Física estão distribuídos em capítulos como se fossem gavetas incomunicáveis entre si; é como se a vegetação, clima, relevo e formações líquidas não interagissem na elaboração das diferentes paisagens do planeta (MENDONÇA, 2008, p. 27).

Elisée Reclus, ainda quando a Geografia persistia em ser abordada sob um caráter tradicional no século XIX, propôs estudar a Geografia Física sob um caráter ambientalista, numa perspectiva crítica, enfatizando a relação entre natureza e sociedade (MENDONÇA, 2008).

Segundo Mendonça (2008) Foram cerca de quarenta anos para que a Geografia começasse a mudar suas abordagens em relação aos estudos da Geografia Física, avançando nos seus pressupostos metodológicos. “Os estudos de Geografia Física deram *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 14, v. 07, p. 08-27, mês dez. Ano 2019.*

considerável salto qualitativo, embora longe de inserir o homem como agente modificador das paisagens” (MENDONÇA, 2008, p. 27).

A partir dos anos 50, com surgimento da nova Geografia, a Geografia Física começa a se embasar a partir dos pressupostos metodológicos do neopositivismo. Nesta fase, a natureza – o meio ambiente – tratada a partir da Geografia Física, recebe uma abordagem pautada na perspectiva da teoria dos sistemas, tendo como resultados a sua mobilização e enumeração (MENDONÇA, 2008).

Gama, Melo e Moraes (2015, p. 156) colocam que “As relações entre sociedade e natureza, na concepção puramente tradicional, foram desenvolvidas até o século XX, através da sua vinculação ao processo de produção capitalista. Nesse contexto, homem e natureza eram considerados como polos excludentes”. Desta forma, percebe-se que a relação homem e natureza eram coisas totalmente dissociáveis.

Posteriormente, com uma nova perspectiva metodológica, a Geografia crítica procura abordar a relação entre homem e natureza, fazendo críticas a Geografia clássica e a nova Geografia. “Em meio a essa crise ambiental, social e econômica mundial, a Geografia Crítica surgiu fazendo críticas profundas à Geografia Clássica e à Geografia Quantitativa, contestando o pensamento dominante e participando do processo de transformação da sociedade” (GAMA; MELO; MORAES, 2015, p. 157).

O desenvolvimento, no Brasil, do tratamento da temática ambiental dentro da Geografia e segundo uma concepção que inter-relaciona sociedade e natureza, foi algo que se deu muito lentamente durante as décadas de 70 e 80, em função do que se poderiam desejar, principalmente quando se observa que tal desenvolvimento se deu única e exclusivamente dentro da Geografia Física. Parece que atualmente, [...] os trabalhos de Geografia [...] têm procurado desenvolver uma análise mais integrativa da temática ambiental (MENDONÇA, 2008, p. 62).

O que se pretende hoje como meio ambiente – elementos naturais e sociais conjuntamente – faz parte da origem da Geografia e isso lhe confere o mérito de ter sido a primeira das ciências a tratar do meio ambiente de forma mais integralizante (MENDONÇA, 2008). “Foi a partir da eclosão da crise ambiental, que alguns geógrafos se dedicaram a estudos para a compreensão da relação sociedade-natureza, na tentativa de fazer com que a Geografia se mostrasse como uma ciência capaz de estabelecer esta relação” (GAMA; MELO; MORAES, 2015, p. 160).

Na atualidade, as questões relativas à natureza continuam fundamentais. O que queremos dizer é que se a natureza assume importância analítica para a ciência, isso se deve em grande parte à sua deterioração ou à sua importância na construção de novos recursos e/ou mercadorias a partir, inclusive, de sua possível reprodução em laboratório através da biotecnologia, exigindo estas temáticas, mais recentemente, uma concepção diferenciada daquela rotulada de Geografia Física. Neste contexto, não só se redefine a Geografia como se redefinem todas as áreas que deram suporte às análises geográficas. Aqui me refiro à Geomorfologia, à Biogeografia, à Climatologia etc. [...] (SUERTERGARAY; NUNES, 2001, p. 16).

Nos dias de hoje, é muito importante pensar no termo socioambiental, diante da insuficiência de falar de meio ambiente apenas do ponto de vista da natureza quando se aborda a perspectiva e problemática da interação sociedade-natureza do presente, sobretudo em relação a países que estão em estágio de desenvolvimento complexo. O termo sócio aparece associado ao termo ambiente, enfatizando a necessidade do envolvimento da sociedade nessas discussões relativas à problemática ambiental contemporânea (MENDONÇA, 2008).

Desta forma, percebe-se que na contemporaneidade, a Geografia Física tem uma abordagem mais integrativa dos elementos físicos e humanos, sociedade e natureza, enfatizando as suas relações e inter-relações, além de debater e refletir temáticas em relação à necessidade do uso do meio ambiente de uma maneira sustentável pela sociedade, para que assim, a humanidade usufrua dos recursos naturais de uma maneira consciente para que o mesmo possa durar e satisfazer as suas necessidades (MENDONÇA, 2008).

Atualmente a Geografia Física estuda os processos e as características de formação da Terra, incluindo as atividades humanas que causam interferência no meio ambiente (PETERSEN; SACK; GABLER, 2014). Neste sentido, os autores afirmaram que a Geografia Física tem atenção às relações ambientais que envolvem as pessoas e suas atividades.

Finalmente, cabe destacar que os estudos e pesquisas sobre a Geografia Física na educação básica estão em foco em diversas pesquisas atualmente, dos quais se pode citar Jully Gabriela Retzlaf de Oliveira (2015) – A Geografia escolar e o papel da Geografia Física; Camila de Oliveira Louzada e Armando Brito da Frota Filho (2017) – “Metodologias para o ensino de Geografia Física”; Aline Gabriela Silveira Araujo e Deivison Carvalho Molinari (2017) - “Instrumentos artesanais no ensino da Geografia Física no 6º ano do ensino fundamental”; Bruna Karolina Machado Toledo, André dos

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 14, v. 07, p. 08-27, mês dez. Ano 2019.

Santos Ribeiro, Gilmara Maria Gonçalves e Kéllys Antunes dos Santos (2017) – “A Geografia Física nos anos iniciais do ensino fundamental: a alfabetização cartográfica e suas contribuições para leitura do espaço” dentre muito outras obras.

O Entendimento e Práticas dos Professores de Geografia Referentes à Geografia Física

Os professores entrevistados já participaram do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID na modalidade de Professores Supervisores em Subprojetos desenvolvidos no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP (período 2012-2018). Segundo a Fundação CAPES - Ministério da Educação (2018), o PIBID é um programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais para se dedicarem ao estágio em escolas públicas. O objetivo do programa é fazer com que se antecipe o vínculo dos futuros mestres com as escolas da rede pública de ensino. Dessa forma, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior, por meio das licenciaturas e os sistemas de ensino públicos estaduais e municipais.

O Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas (FUNDAÇÃO CAPES - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Os quatro (04) professores que participaram desta pesquisa possuem licenciatura em Geografia e lecionam na Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná. Todos têm, pelo menos, 13 anos de atuação no magistério. O que mais tempo atua, já está a 22 anos na carreira de professor. Desta forma, pode-se considerar a trajetória destes docentes longa, conferindo-lhes experiência na docência em Geografia.

A seguir serão apresentados e discutidos os resultados obtidos com a aplicação de questionário a 04 professores de Geografia. O questionário foi composto de perguntas abertas e fechadas contendo as seguintes indagações: 1) O que estuda a Geografia Física?; 2) Você se sente capacitado e equipado para ensinar “as temáticas físico-naturais”? Aponte os principais obstáculos para ensinar estas temáticas; 3) Como é a abordagem das temáticas físico-naturais nas suas aulas de Geografia? (1- A abordagem é feita separando os vários

componentes do meio, sem muita conexão com as questões humana.; 2- A abordagem é feita de forma holística, olhando para todos os fatores, características e processos que influenciam o meio ambiente e sua interação, considerando a sociedade, enquanto produtora de ações transformadoras do quadro natural); 4) Assinale o método de ensino mais usado para o ensino das temáticas físico-naturais nas suas aulas de Geografia (método expositivo; método do trabalho independente, método da elaboração conjunta; método de trabalho em grupo e atividades especiais – oficinas e laboratório e Trabalho de Campo - (LIBÂNEO (2006).; 5) Aponte os recursos didáticos mais utilizados para ensinar as temáticas físico-naturais nas suas aulas de Geografia.; 6) Você gostaria de receber capacitação na área de Geografia Física? (sim; não); e 7) Qual área da Geografia Física você gostaria de receber capacitação? (climatologia; Geologia Geomorfologia; Biogeografia; Pedologia; Meio Ambiente).

Na questão 1: o que estuda a Geografia Física?, Apenas um professor respondeu que a “Geografia Física estuda as relações entre o homem e o meio ambiente”, ou seja, fez menção à ação antrópica em sua resposta. Os outros três professores, responderam apenas que esta ciência estuda os aspectos naturais do meio ambiente e suas dinâmicas no espaço geográfico, sem citar a dimensão social. Observa-se que a maioria dos professores compreende a Geografia física apenas do ponto de vista do estudo da dinâmica processual da natureza, distanciando da ação humana, remetendo ao objetivo da Geografia física no seu surgimento.

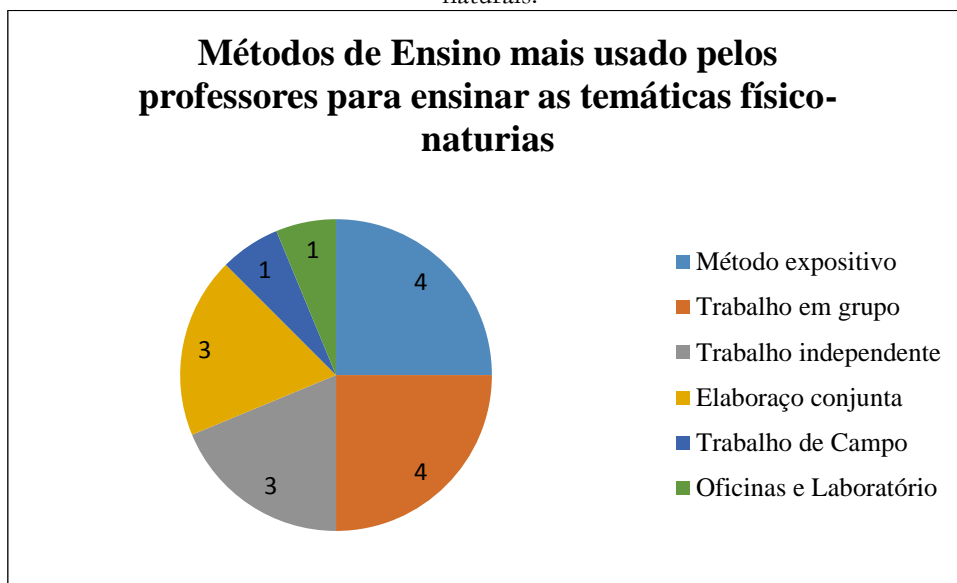
Na questão 2: Você se sente capacitado e equipado para ensinar “as temáticas físico-naturais”? Aponte os principais obstáculos para ensinar estas temáticas. As respostas foram diversificadas. Um professor respondeu que o grande número de alunos por sala dificulta o trabalho; outro respondeu que tem que estar estudando constantemente; outro professor disse que a falta de base dos alunos atrapalha nesse processo de ensino-aprendizagem e o quarto professor afirmou que a falta de material e de infraestrutura são empecilhos para melhorar o ensino dessa temática.

Na questão 3: Como é a abordagem das temáticas físico-naturais nas suas aulas de Geografia?. Os professores foram unânimes em responder que as temáticas físico-naturais são abordadas de forma holística, olhando para todos os fatores, características e processos que influenciam o meio ambiente e sua interação, considerando a sociedade, enquanto produtora de ações transformadoras do quadro natural. Cavalcanti e Rodriguez (1997, apud

AMORIM, 2012) dissertam que o ambiente como a inter-relação das relações sociedade x natureza, deve ser abordado e analisado enfocando o meio ambiente como um sistema, adotando uma concepção holística do ambiente. Dessa forma, para se entender o espaço geográfico, ou seja, o meio ambiente pelo viés social e natural é necessário fazer uma análise integrativa de todos os elementos que compõe o espaço geográfico, elencando os aspectos físicos e humanos.

Na questão 4, em relação ao método de ensino mais usado para o ensino das temáticas físico-naturais, o método expositivo e o trabalho em grupo foi assinalado por todos os professores. Os métodos de trabalho independente e elaboração conjunta foram assinalados três vezes, e o trabalho de campo, Oficinas e Laboratório foram assinalados apenas uma vez, como pode ser observado na Figura 01.

Figura 01: Métodos de ensino mais usado pelos professores para ensinar as temáticas físico-naturais.



Fonte: VICENTE (2018).

É muito importante que os professores utilizem variados métodos, para que assim, diversifiquem suas aulas, tornando o processo de aprendizagem dos alunos mais dinâmico e prazeroso. Para Libâneo (1994), no método expositivo, os conhecimentos, habilidades e tarefas, os conceitos são apresentados pelo professor, mas sempre havendo diálogo entre os docentes e os discentes. “A exposição lógica da matéria continua sendo, pois, um procedimento necessário, desde que o professor consiga mobilizar a atividade

interna do aluno de concentrar-se e de pensar, e a combine com outros procedimentos, como o trabalho independente, a conversação [...]” (LIBÂNEO, 1994, p. 161).

O trabalho em grupo tem por finalidade obter a cooperação dos educandos entre si na realização das atividades. Para que cada membro do grupo possa contribuir com a aprendizagem mútua, todos que compõe o grupo devem estar familiarizados com o tema da atividade. Esse método consiste em basicamente distribuir temas iguais ou diferentes a grupos formados entre os alunos, sendo eles fixos ou variados, compostos de 3 a 5 alunos (LIBÂNEO, 1994).

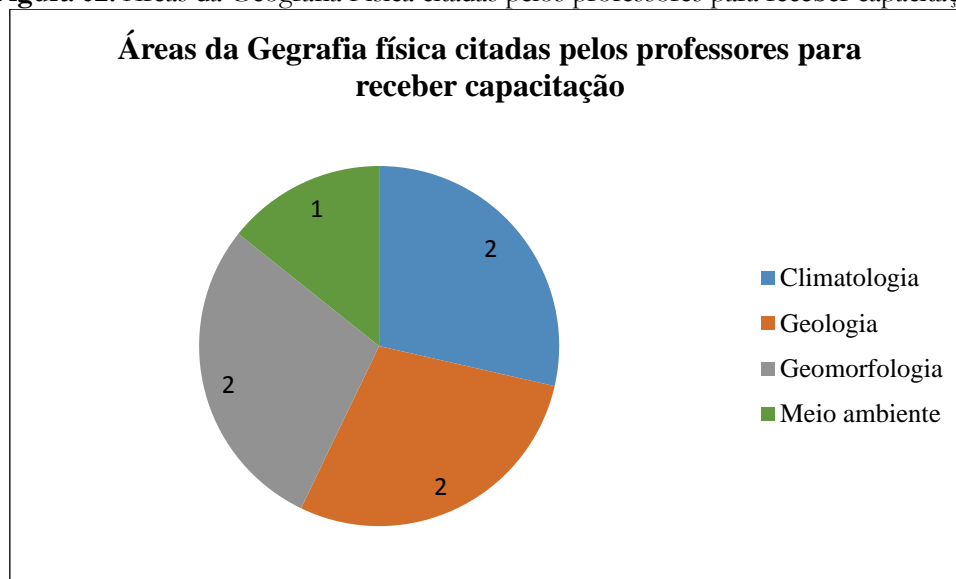
Dessa forma, percebe-se que os professores utilizam um número reduzido de métodos para ensinar à temática e nem sempre esses são os mais indicados dependendo da abordagem, sendo necessária a utilização de Trabalho de Campo, pois, segundo Lopes e Pontuschka (2010), durante o trabalho de campo, professores e alunos devem mergulhar no espaço que será pesquisado, estabelecendo um diálogo com estes e suas relações com a vida social das pessoas, e na condição de pesquisadores, com eles mesmos. É o momento de perceber que o espaço é um misto de processos naturais e sociais, sendo uma Geografia viva.

Deve-se levar em conta também a realização de laboratórios e oficinas para explicação de processos físico-naturais, pois, segundo Veiga (2001) o trabalho nos laboratório e oficinas valoriza a eficiência dos alunos, e dessa forma, contribui com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que, a teoria se atrela as práticas, os alunos conseguem observar nos experimentos, fatos e fenômenos que acontecem no seu dia a dia.

Na questão 5, sobre os recursos didáticos mais utilizados para ensinar as temáticas físico-naturais, os professores apontaram predominantemente o livro didático, além de recursos tecnológicos como a internet, o laboratório e filmes. Esses resultados corroboram com as resposta da pergunta anterior, também deixando claro o uso reduzido de recursos didáticos para ensinar a temática o que provavelmente prejudica o ensino e aprendizagem das temáticas físico-naturais.

Quando questionados se desejam receber capacitação na área de Geografia Física na questão 6 (Fig. 02), todos os professores responderam que sim, e apontaram na questão 7 as áreas de maior interesse para essa capacitação: Climatologia, Geologia, Geomorfologia e Meio Ambiente.

Figura 02: Áreas da Geografia Física citadas pelos professores para receber capacitação.



Fonte: VICENTE (2018).

Com os resultados apontados nessa pesquisa, observa-se que os professores entrevistados carecem de uma formação adequada para auxiliá-los no ensino dos temas ligados à Geografia Física, uma vez que houve um equívoco na conceituação dessa área da Geografia, sendo que apenas um professor relacionou à atividade antrópica. Também, destaca-se que mesmo eles assinalando uma abordagem holística do tema na sala de aula, as outras respostas não vão a encontro desta afirmação, chegando à conclusão de que os professores entrevistados abordam os temas de geografia física de maneira tradicional, utilizando um número reduzido de métodos de ensino e recursos didáticos, provavelmente, repassando a compreensão que os mesmos possuem sobre esta área do conhecimento, ou seja, de uma área voltada mais o estudo das dinâmicas naturais, cuja abordagem é feita separando os vários componentes do meio, sem muita conexão com as questões humanas.

Portanto, conclui-se que os professores de Geografia que já participaram como supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, e que lecionam na Rede Pública de Ensino no Estado do Paraná, necessitam e anseiam por uma capacitação continuada em relação ao ensino das temáticas físico-naturais, para que assim possam proporcionar uma abordagem mais holística deste tema dentro da Geografia Escolar.

Considerações Finais

Entender a Geografia Física e seu ensino na contemporaneidade é de fundamental importância para que os professores possam ensinar da melhor maneira esta temática no contexto da Geografia Escolar. Desta forma, constata-se com os resultados dessa pesquisa, que os professores de Geografia pesquisados precisam e requerem uma capacitação docente em relação à área de Geografia Física e seu ensino, que vão ao encontro da discussão teórica da Geografia Física atual, buscando outras metodologias, além de novos recursos didáticos para se ensinar as temáticas físico-naturais, sobretudo nas áreas de Climatologia, Geologia e Geomorfologia.

Acredita-se ser muito importante que os professores busquem formas de se capacitarem e também que o Estado dê suporte, com formação continuada de qualidade, abordando temáticas referentes ao Ensino de Geografia Física, disponibilizando materiais para as aulas como jogos didáticos, materiais para a confecção de maquetes, etc., além de melhorar a infraestrutura das escolas, instalando laboratórios e equipamentos para o uso nas aulas de Geografia, para que os professores possam exercer seu trabalho com tranquilidade e qualidade.

Finalmente, partindo dos apontamentos aqui levantados, acredita-se que o ensino de Geografia Física avançará em seus pressupostos teórico-metodológicos se entendido e abordado corretamente pelos professores em sala de aula, refletindo na melhoria do ensino da ciência Geográfica.

Referências

- AMORIM, R. R. Um Novo Olhar na Geografia para os Conceitos e Aplicações de Geossistemas, Sistemas Antrópicos e Sistemas Ambientais. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 13, n. 41, p. 80 – 101, 2012.
- CAJUEIRO, R. L. P. **Manual Para a Elaboração de Trabalhos Acadêmicos**: Guia Prático do estudante. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- CALLAI, H. C. Educação Geográfica: Ensinar e aprender Geografia. In: CASTELLAR, S. V.; MUNHOZ, G. **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012.
- CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

FUNDAÇÃO CAPES - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**, 2018. Disponível em: www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid, acessado em 09/09/2018.

GAMA, C. M.; MELO, J. A. B.; MORAES, N. R.. Evolução da ciência geográfica e tratamento à questão ambiental. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 16, n. 55, p. 152-163, Set/2015.

LACOSTE, Y. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 15ª Edição. Campinas, Papirus: 1988.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 22ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. **Estudo do Meio: fundamentos e estratégias**. Maringá: Eduem, 2010.

MELO, A. A.; VLACH, V. R. F.; SAMPAIO, A. C. F. **História da Geografia Escolar Brasileira: Continuando a Discussão**. UFU, Uberlândia – Minas Gerais, 2005.

MENDONÇA, F. A. **Geografia e Meio Ambiente**. 8. Ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

PETERSEN, J. F.; SACK, D.; GABLER, R. E. **Fundamentos de Geografia Física**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

SEGALA, F. J.; LEME, R. C. B.. **Caminhos da ciência geográfica: de sua sistematização à disciplina escolar**. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFSSIONALIZAÇÃO DOCENTE – SIPD – CATEDRAL UNESCO, 2015, Curitiba-PR, 26 a 29 de outubro de 2015, p. 15312 – 15326.

SUERTEGARAY, D. M. A.; NUNES, J. O. R. A natureza da Geografia Física na Geografia: **Terra Livre**. São Paulo, n.17, p. 11-24, 2001.

VEIGA, I. P. A. Nos Laboratórios e Oficinas Escolares: A Demonstração Didática. In: VEIGA, I. P. A. **Técnicas de Ensino: Por que não?** 12. Ed. Campinas: Papirus, 2001. P. 131-146.

VESENTINI, J. W. Geografia Crítica e Ensino. In: OLIVEIRA, A. U. et al. **Para onde vai o ensino de Geografia?** 8. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

VLACH, V. R. F. O ensino de Geografia no Brasil: Uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, J. W. **O Ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

Sobre as autoras

Kellen Cristina Vicente

Acadêmica do curso de licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP.

Jully Gabriela Retzlaf de Oliveira

Possui graduação em Geografia - UEL, especialização em Análise Ambiental em Ciências da Terra - UEL e Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento - UEL. Doutora em Agronomia - UEL. Atua no quadro efetivo de professores do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, Campus de Cornélio Procopio – PR.

Como citar esse artigo

VICENTE, K. C.; OLIVEIRA, J. G. R. Entendimento e práticas pedagógicas dos professores de Geografia relativos à Geografia Física. **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)**, n. 14, v. 7, p. 08-27, 2019.

Recebido em: 2018-12-11

Devolvido para correções em: 2019-02-08

Accito em: 2019-04-24